

No caminho havia algumas pedras: a desaceleração do crescimento evangélico no Censo Religioso¹

There were some stones along the way: Hypotheses on the possible stagnation of Evangelical growth

Ivan Carlos Costa Martins *

Resumo

Os números do Censo Religioso de 2022 indicam a desaceleração no crescimento de evangélicos no Brasil. Aguardado como um importante recurso para compreender a sociedade brasileira, neste caso, a religião e o campo religioso, o Censo trouxe a permanência de decréscimo do número de católicos, em ritmo acelerado, chegando a 56,7%; e o acréscimo de 5,3% de evangélicos, alcançando 26,9% da população, um crescimento percentual de 24,54%, com uma média anual de 1,89% no período compreendido pela pesquisa, de 2010 a 2022. Como a média anual entre 1980 e 2022 é de 3,48%, podemos afirmar que o crescimento evangélico está em ritmo desacelerado em comparação às décadas anteriores. O objetivo do presente artigo é levantar hipóteses explicativas à desaceleração. Relacionamos três possibilidades: o possível esgotamento do modelo de crescimento evangélico; a reação de segmentos católicos romanos; e a associação de evangélicos com o bolsonarismo. Concluímos que, diante da pluralidade religiosa e não religiosa apontada pelo Censo, há maior tensão por conta de disputa no mercado religioso.

Palavras-chave: Evangélicos. Católicos. Censo. Crescimento. Desaceleração.

Abstract

The 2022 Religious Census data indicate a deceleration in the growth of evangelicals in Brazil. Long awaited as a key tool for understanding Brazilian society—particularly in terms of religion and the religious field—the Census confirmed the continued decline in the number of Catholics, which has fallen sharply to 56.7%. It also recorded a 5.3 percentage point increase in evangelicals, who now represent 26.9% of the population. This corresponds to a relative growth of 24.54%, with an annual average of 1.89% over the period covered by the survey (2010–2022). Given that the average annual growth between 1980 and 2022 was 3.48%, it is possible to affirm that evangelical growth is occurring at a slower pace compared to previous decades. The objective of this article is to propose explanatory hypotheses for this deceleration. We consider three possibilities: the potential exhaustion of the evangelical growth model; the reaction of certain Roman Catholic sectors; and the association of evangelicals with Bolsonarism. We conclude that, considering the religious and non-religious plurality revealed by the Census, competition in the religious marketplace has intensified, giving rise to greater tension.

Keywords: Evangelicals. Catholics. Census. Growth. Slowdown.

Artigo submetido em 01 de julho de 2025 e aprovado em 18 de março de 2026.

* Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Egresso do PPGE/UFC. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-2506-1857. E-mail: ivan8martins@gmail.com.

¹ Artigo dedicado ao Prof. Dr. Emanuel Rodrigues Almeida.

Introdução

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar
Que a fé tá na mulher
A fé tá na cobra coral
Oh, num pedaço de pão
A fé tá na maré
Na lâmina de um punhal
Oh, na luz, na escuridão
(Gilberto Gil, Andar com fé).

O objetivo no presente artigo é levantar hipóteses explicativas à desaceleração do crescimento evangélico brasileiro. Em verdade, havia uma expectativa de que o número de evangélicos no Brasil estivesse em torno de 32% e o número de católicos em torno de 49%. As duas coisas não aconteceram: os evangélicos cresceram 5,3%, indo a 26,9% e os católicos decresceram 8,4%, indo a 56,7%. Frente às projeções e às expectativas daí advindas é razoável supor que os evangélicos estejam um tanto frustrados e os católicos um tanto aliviados.

Para além dos prováveis sentimentos despertados em católicos e em evangélicos, consideremos uma particularidade do novo Censo. O Censo deveria ser realizado em 2020, demarcando dez anos desde o anterior. A regularidade e o rigor metodológico caracterizam a confiabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entretanto, dois aspectos fizeram com que fosse atrasado por um biênio. O primeiro é que, aparentemente, o Governo Bolsonaro (2019-2022) não estava convencido da importância do Censo.

Para Arthur Magon Whitacker, o Censo é um meio de “conhecer o país e sua população para melhor se aplicar recursos, planejar ações, estudar e propor políticas e, inclusive, prever problemas sociais e ambientais” (Whitacker, 2021). Segundo o autor, houve um boicote governamental ao Censo motivado por duas razões: “ignorância avassaladora e desejo de ocultar da população seu próprio retrato” (Whitacker, 2021). Nesses casos, cortes orçamentários – e a falta de planejamento e preparação – seriam apenas pretextos para posições ideológicas.

O segundo foi a Pandemia. O risco de contágio, as medidas de distanciamento e de proteção individual e coletiva, e o rigor metodológico das visitas em domicílio impuseram desafios ao Censo e, pelo menos parcialmente,

explicaram o seu adiamento. No entanto, o Censo foi realizado somente a partir da intervenção do Poder Judiciário: “O Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que a União adote as medidas administrativas e legislativas necessárias para a realização do censo demográfico [...] em 2022” (STF, 2021).

O artigo se justifica porque a religião é parte da identidade brasileira. É um aspecto presente tanto na vida privada quanto na pública. Mesmo se expressando inicialmente de formas diferentes – religiosidades indígenas, religiosidades de matrizes africanas e catolicismos portugueses e suas imbricações – a religião é parte da vida nacional com as complexidades de experiências e de expressões religiosas construídas ao longo da história. Em algumas situações, como experiências interpretadas individual ou coletivamente, a religião se constitui como a própria vida, como o fator distintivo da identidade pessoal ou comunitária. Só é possível falar em sociedade brasileira considerando as religiosidades dos povos brasileiros.

A pluralidade religiosa brasileira, em geral, se apresenta como mercado religioso. Mesmo que algumas expressões religiosas não se exibam com traços mercadológicos, todas as instituições religiosas estão envolvidas, no atual contexto, com a sociedade de mercado. Essa sociedade de bens e de consumo negocia tudo, inclusive, religião – quiçá, experiência religiosa. No mercado religioso, ofertam-se bens religiosos e se consome religião. A disputa por novos clientes ou por novos discípulos é um aspecto desse mercado, bem como as franquias religiosas ou os bens e serviços disponibilizados em balcões religiosos.

Nos limites da própria religião, essa disputa por clientes assume a linguagem de evangelização, de proselitismo, de missão ou mesmo de batalha espiritual. Não é assim quando a pluralidade se apresenta e se experimenta em termos de diálogo, de acolhimento de experiências diferentes, de reconhecimento da validade do outro, de tolerância e de ecumenismo. A competição de quem cresce mais ou de quem arrecada mais é, às vezes, resultado da sobrevivência institucional, de disputa de mercado; ou consequência de compreender-se portador da verdade absoluta a ser proclamada em perspectiva salvacionista.

Enfim, desde a colonização, a religião se impõe como uma dimensão do

poder político-econômico. A religião foi parte do processo de colonização e permaneceu como característica sociocultural perene brasileira. Às vezes mais, às vezes menos identificada com o Estado, no Império, nas Repúblicas ou nas Ditaduras; às vezes mais, às vezes menos associada a uma expressão religiosa dominante, como a Igreja Católica Apostólica Romana. No presente, assistimos à influência de evangélicos no espaço público, em uma disputa por hegemonia, cujo comportamento político-eleitoral tem despertado atenção (Bohn, 2004). Cumpre destacar que a presença pública de um segmento evangélico se circunscreve como projeto de poder (Macedo; Oliveira, 2008; Dip, 2018; Du Mez, 2022).

Dividimos o artigo em duas partes: na primeira, aprofundamos o tema do crescimento evangélico nas últimas décadas, destacando a projeção de que os evangélicos seriam maioria frente à realidade de desaceleração, e pontuamos possíveis implicações políticas dessa desaceleração; na terceira parte, levantamos hipóteses interrogativas que ajudam a explicar a desaceleração do crescimento evangélico: O modelo evangélico demonstra esgotamento? A reação católica demonstra ser capaz de frear o declínio? A associação de evangélicos com o bolsonarismo trouxe consequências?

A análise deve nos aproximar da realidade. Ao nos referirmos como desaceleração no crescimento de evangélicos, levamos em conta que os dados disponíveis precisarão ser confirmados no futuro por novo Censo ou por pesquisas qualitativas. De fato, o que temos, no presente, é que o número de evangélicos cresceu menos do que o esperado e que seu crescimento é desacelerado em comparação com décadas anteriores. Do outro lado, mantém-se o decréscimo do catolicismo. Para tornarmos o texto acessível, utilizamos uma linguagem coloquial e uma formatação didática.

Os dados que embasam o presente artigo são da Coordenação Técnica do Censo Demográfico (2025), de Marília Loschi (2025) e do Sistema do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de Recuperação Automática (SIDRA). Para alcançar o objetivo mencionado no início, nos concentramos nos evangélicos e nos católicos. Para outras análises e maior aprofundamento quanto ao Censo, recomendamos os demais artigos do *Dossiê especial: Censo Religioso 2022 (IBGE)*. Esperamos que o(a) leitor(a) tenha alguma afinidade com termos

teológicos e com expressões religiosas ou do campo religioso brasileiro.

1 O crescimento evangélico nas últimas décadas

As missões protestantes na América Latina partiram da concepção de que havia necessidade de evangelizar o subcontinente. A chegada do catolicismo como parte do projeto de colonização foi compreendida por protestantes como a instalação de um evangelho incompleto, quase um falso evangelho (Mendonça, 1990a; 1990b). Ante essa compreensão, existia necessidade de trazer o verdadeiro evangelho por meio de protestantes. As missões protestantes chegavam com o desafio de evangelizar (por meio de protestantes) uma terra evangelizada (por católicos).

Entre os traços distintivos da identidade evangélica brasileira estão seu espírito anticatólico e sua perspectiva econômica liberal (Bastian, 1995; Bonino, 2003), acompanhando ondas conservadoras norte-americanas (Mendonça, 1990b). Criado antes de os missionários protestantes aportassem no litoral, o anticatolicismo foi fomentado e desenvolvido por disputas religiosas e por privilégios na relação com o Estado. Por razões legais, os templos protestantes distinguiam-se dos tradicionais templos cristãos europeus e norte-americanos². Tentando reviver os discursos das guerras religiosas do período da Reforma Protestante, o arcabouço doutrinário que se consolidou era, predominantemente, anticatólico³.

No primeiro momento de inserção do protestantismo de missão, protestante e diversas frações da sociedade brasileira lutaram pela separação entre Estado e Igreja. Entre as consequências da separação no Brasil republicano estavam as seguintes medidas (Schwarcz; Starling, 2018): o fim do regime do Padroado; a liberdade de cultos públicos para imigrantes e para nativos; a responsabilização do Estado pelos registros civis de nascimento, de casamento e (certidão) de óbito; a instituição do casamento civil; a administração pública

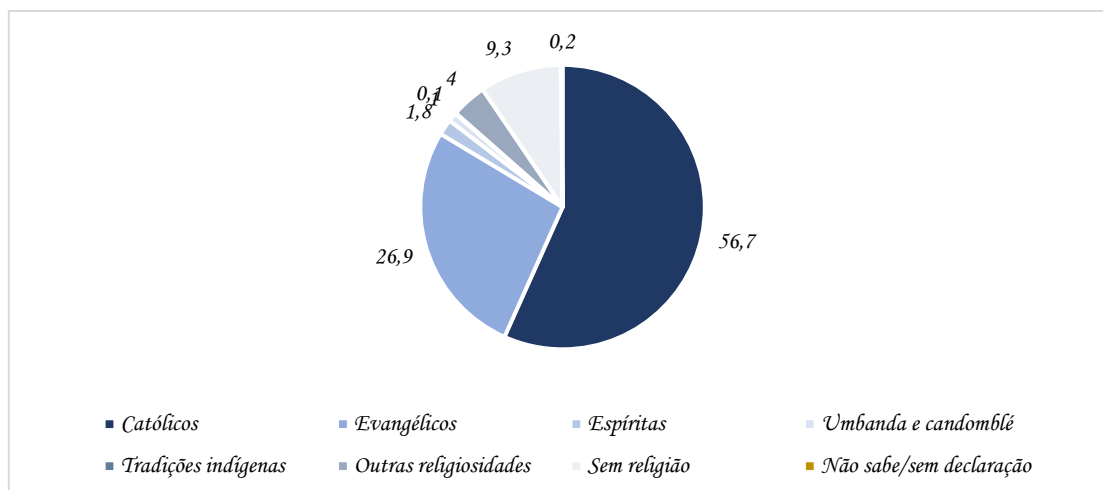
² Constituição de 1823: “Art. 5. A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo” (Reily, 1984, p. 28).

³ Confissão de Augsburgo; Confissão de Westminster; Catecismo de Heidelberg; XXXIX Artigos de Religião; XXV Artigos de Religião do Metodismo Histórico.

municipal dos cemitérios públicos⁴; e a educação leiga, oficializando o ensino não religioso. A rigor, algumas questões tiveram resolução mais simples que outras; e não foram poucos os conflitos para que a religião, em sua expressão católica, se mantivesse como prioritária.

O século XX não foi apenas de consolidação das missões protestantes: foi de avanço dos protestantes em searas católicas e de implementação de um projeto evangélico de orientação econômica liberal para a América Latina (Bastián, 1995; Bonino, 2003). Uma das marcas da formação protestante brasileira foi a conversão de católicos. Isso permaneceu e se intensificou com o surgimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo. Além da conversão de católicos ao protestantismo, protestantes se “converteram” à experiência carismática ou pentecostal, naquilo que ficou conhecido como *Movimento de renovação espiritual* (Tognini, 1984). Igrejas protestantes tiveram suas ondas carismáticas originando novas igrejas e novas denominações (Freston, 1993; Mariano, 2014), que passaram a se reconhecer como avivadas ou renovadas.

Gráfico 1: religiões no Brasil



Fonte: IBGE, 2022.

A primeira consideração (Gráfico 1) é que o Brasil segue sendo um País cristão, 83,6%. A segunda é que os *católicos* permanecem em declínio, chegando a 56,7%, o menor percentual e, em terceiro lugar, os *evangélicos* permanecem em crescimento, alcançando 26,9%, o maior percentual. A quarta consideração é o

⁴ Algumas dessas situações já vinham se desenhando em direção à separação entre Igreja e Estado, como o Decreto n.º 796, de 14 de junho de 1851, a respeito dos cemitérios.

declínio dos *espíritas*, de 0,3%. A quinta é o aumento de 0,7% da *umbanda* e do *candomblé*. Em sexto, o crescimento de 1,3% no número dos *sem religião*. Portanto, como demonstra a série histórica, há continuidade na maior parte das tendências captadas pelos censos anteriores: declínio de católicos, crescimento de evangélicos, crescimento dos sem religião. Os dados não permitem compreender melhor os sem religião e a dupla pertença religiosa.

Tabela 1: Percentual de católicos e de evangélicos entre 1980 e 2022

Filiação religiosa	1980	1991	2000	2010	2022
Católicos	88,7%	82,9	74,1%	65,1%	56,7
Evangélicos	6,5%	9,0%	15,1%	21,6%	26,9

Fonte: IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022.

Concluir que o Brasil é um País cristão não diz muito. Embora cristãos católicos e cristãos evangélicos sejam expressões de uma mesma religião, o Cristianismo, são formas diferentes e discordantes de compreensão da fé e da prática cristã. E a intensificação da disputa religiosa entre eles – a própria diferenciação no Censo (Tabela 1) – demonstra, claramente, a existência de divergências. No entanto, as categorias censitárias *católicos* e *evangélicos* se tornam homogeneizadoras, não permitindo, por meio da divulgação dos dados preliminares por parte IBGE, maior precisão em cada grupo religioso e do campo religioso brasileiro. *Os católicos* e *os evangélicos* são plurais (Ribeiro, 2024) e até o momento não é possível saber, com exatidão, qual catolicismo está diminuindo e quais evangélicos estão crescendo.

Quem são “os evangélicos”? Como mencionamos acima, não temos até o momento como precisar *os evangélicos* do Censo. Ou seja, a categoria *evangélicos* compreende: *evangélicos de missão* (protestantismo de imigração e protestantismo de missão), *evangélicos de origem pentecostal* (pentecostais e neopentecostais), *outras religiões evangélicas* (neopentecostais, autônomos etc.) e *evangélicos não determinados*. Os evangélicos são diversos e plurais (Niebuhr, 1992; Mendonça, 2008; Spyer, 2020; Cunha, 2022) e estão em movimento. Essa dinâmica da pertença religiosa faz com que os evangélicos circulem entre si e para fora das tendas religiosas evangélicas. Ao mesmo tempo, “os evangélicos” apresentam uma certa acomodação à cultura brasileira (Mariano, 1999) e

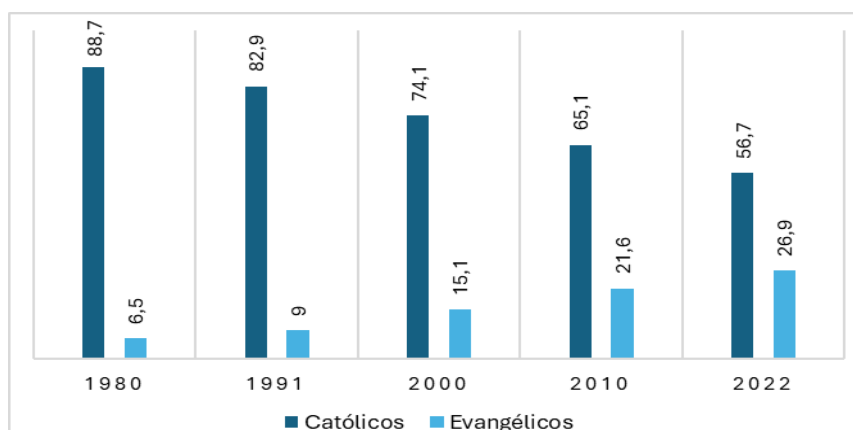
demonstram a capacidade de se adequar às diversas situações e às diferentes camadas sociais, equalizando seus discursos a depender do público.

A despeito do limite anteriormente mencionado, podemos afirmar, com base no Censo⁵, que os *evangélicos* alcançaram seu maior número no Brasil, se aproximando de 30% da população. Apresentam-se no espaço público e no mercado religioso como únicos capazes de “rivalizar” com os católicos e dispostos a buscar a hegemonia religiosa no Brasil. O crescimento do número de evangélicos é um importante fenômeno social brasileiro. Como o crescimento evangélico é uma constatação da realidade, precisamos compreender as razões deste crescimento e, só então, as causas de sua possível desaceleração. Por que os evangélicos cresceram? Por que os católicos decresceram? A relação entre eles ocorre porque os evangélicos registram parte das conversões de católicos. Quais têm sido os fatores internos e externos que justificam o crescimento evangélico? Quais motivos explicam esse fenômeno brasileiro e latino-americano? Quais catolicismos decrescem e quais evangélicos crescem? Seria impossível responder a todas as perguntas a respeito do crescimento evangélico e outras que, naturalmente, surgiriam. No entanto, não podemos passar adiante sem considerar, minimamente, possíveis fatores explicativos ao crescimento evangélico das últimas décadas.

Ao relacionarmos as principais razões do crescimento de evangélicos excluimos explicações metafísicas ou espirituais, isto é, o próprio discurso religioso que interpreta e justifica o crescimento evangélico. Em geral, os religiosos afirmam que o crescimento de uma igreja ou de uma denominação evangélica é resultado da *bênção* da divindade. Ainda que internamente haja programas e planejamentos estratégicos com ênfase em crescimento numérico e financeiro, publicamente proclama-se a *prosperidade* numérica e financeira como resultado de uma *graça* especial. Essas explicações – em nossa compreensão – além de circunscritas aos aspectos religiosos, não dão conta da realidade. E não dão conta, justamente, por seus limites religiosos, ocultando verdadeiros fatores sociais – culturais, econômicos, políticos e religiosos.

⁵ Seria interessante comparar os dados do Censo com outras pesquisas: BOHN, 2004; BALLOUSSIER, 2020; OLIVEIRA, 2021.

Gráfico 2: Percentuais de católicos e de evangélicos em 42 anos



Fonte: IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022.

Demarcamos 1980 como data inicial para considerarmos a recente série histórica do crescimento evangélico brasileiro. No início da década de 1980, os evangélicos eram 6,5% da população brasileira. Em 1991, o número de evangélicos chegou a 9,0%, portanto, abaixo dos 10%. No início da década de 2000, os evangélicos eram 15,1% e, em 2010, ultrapassaram os 20%, chegando a 21,6%. Ou seja, na primeira década do século XXI, um em cada cinco brasileiros era evangélico. No último Censo, em 2022, os evangélicos alcançaram seu mais alto percentual, 26,9% da população acima de 10 anos, ou seja, um em cada quatro brasileiros se declarou evangélico (Tabela 2).

Tabela 2: Crescimento absoluto e crescimento percentual

Década	Crescimento absoluto	Crescimento percentual
1980-1991	2,5 pontos percentuais	38,46%
1991-2000	6,1 pontos percentuais	67,78%
2000-2010	6,5 pontos percentuais	43,05%
2010-2022	5,3 pontos percentuais	24,54%

Fonte: Do autor com base no IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022.

Na década de 1980, os evangélicos cresceram 2,5%. Na década de 1990, eles cresceram 6,1%. Entre 2000 e 2010, os evangélicos cresceram 6,5%. E entre os anos 2010 e 2022, um período de doze anos, eles cresceram 5,3%. O maior crescimento absoluto ocorreu entre 2000 e 2010, pois os evangélicos tiveram um acréscimo de 6,5% pontos percentuais. Já entre os anos de 1991 e 2000, um período menor, eles tiveram o maior percentual relativo à sua base: saindo de

9,0% em 1991, os evangélicos chegaram a 15,1% em 2000, um crescimento surpreendente de 67,78%. O espaço urbano com seus templos evidencia o crescimento dos evangélicos.

Por meio da divulgação das coordenadas geográficas dos endereços do País, o IBGE mapeou 579,8 mil estabelecimentos religiosos (Cabral, 2024). O número total surpreendeu por ser maior do que a quantidade de estabelecimentos de ensino (264,4 mil) e de estabelecimentos de saúde (247,5 mil) somados, o que indica que os evangélicos têm sido bem-sucedidos em suas estratégias de avanço e de presença urbana – valendo-se, inclusive, de isenções fiscais. Alguns são descritos como megatemplos⁶. Os templos são centrais na missão evangélica como espaços de reunião dos fiéis; de prestação de serviços religiosos ou não; de promoção da fé evangélica; como sinal de crescimento e de prosperidade; como ambiente de consumo. Os templos permanecem como justificativa de arrecadação e de despesas mensais (Oro, 1993), mesmo com o advento das novas formas de conexão às religiões por meio das redes sociais.

No campo religioso brasileiro, a prática evangélica é a que mais cresce. Entre as razões está “que interpela mais fortemente o indivíduo na sua relação com o campo do divino e que exerce elevada pressão de recrutamento e convencimento” (Brandão; Jorge, 2019, p. 86). Igrejas evangélicas se concentram em duas direções simultâneas: a solução de problemas imediatos da vida cotidiana e a promessa de salvação eterna. Elas podem alternar entre um ou outro discurso, entretanto, o objetivo é o mesmo: atrair mais pessoas, elevar o número de membros, adicionar clientes. Podemos dizer que procuram atender, discursiva e simbolicamente, às demandas do presente e do futuro, daquilo que elas creem pertencer ao tempo e à eternidade. Pela tradição religiosa e cultural brasileira – de autoritarismo e de coronelismo – algumas dessas igrejas alcançaram forte poder de convencimento.

Com objetivo de crescimento, de projeção e de reconhecimento social, evangélicos pentecostais “cada vez menos tendem a representar uma ruptura com a cultura ambiente [...] [e] cada vez menos [são] capaz[es] de modificar a cultura

⁶ Rita de Cássia Gonçalo Alves descreve: “[...] o megatemplo enquanto espaço monumental de culto religioso acompanhado por um complexo de serviços [...]” (Alves, 2023, p. 73).

que o acolheu e na qual vem, aceleradamente, se acomodando” (Mariano, 1999, p. 90). A intensidade e a forma do discurso é parte do processo de adaptação à cultura brasileira a fim de tornar-se acessível ou palatável. Mais do que isso: igrejas evangélicas se colocaram como solução individual, por meio do processo de conversão pessoal, convencendo de que existe uma alternativa a partir de uma negociação com a divindade. Segundo Mariano, o crescimento de igrejas evangélicas “reside justamente na capacidade de se contextualizar, de se flexibilizar, de se acomodar, de se secularizar, adaptando sua mensagem aos anseios das massas pobres e marginalizadas” (Mariano, 1999, p. 106).

Quais são os evangélicos que crescem? Precisamos retomar a diferenciação entre “os evangélicos” (Tabela 3) a fim de compreendermos adequadamente o crescimento dos evangélicos entre os próprios evangélicos. As informações disponíveis são de Censos anteriores. Não são todos os evangélicos que crescem. Nos Censos há uma indicação clara de que o crescimento evangélico ocorre entre evangélicos identificados como pentecostais e entre evangélicos não identificados. O crescimento é pequeno entre evangélicos de missão, comumente denominados protestantes ou tradicionais. O crescimento se dá entre evangélicos pentecostais e neopentecostais, com ênfase discursiva e prática nos dons espirituais, como cura divina, glossolalia e exorcismo; na prosperidade pessoal; e na batalha espiritual. São esses grupos evangélicos que possuem uma prática missionária proselitista mais agressiva, tanto entre católicos quanto entre evangélicos e demais religiões.

Tabela 3: Pertencimento “evangélico”.

Filiação religiosa	1991	2010
Evangélicos de missão	3%	4%
Evangélicos pentecostais	5,6%	13,4%
Evangélicos não identificados	0,4%	4,8%

Fonte: IBGE, 1991, 2010.

Evangélicos pentecostais e neopentecostais imprimem uma prática religiosa que lhes dá condições de competir no mercado religioso e de alcançar mais adeptos. Além do que mencionamos acima – a capacidade de adaptar o discurso e a prática aos objetivos do crescimento –, a partir de considerações de alguns autores (Mariano, 2008; Oliveira, 2021) podemos relacionar e incluir

outros fatores: igrejas que crescem apresentam maior centralização de poder e de decisão em torno de uma autoridade eclesiástica, normalmente, o presidente (ou dono) da igreja; igrejas que crescem contam com trabalho leigo não remunerado e com horas dedicadas à missão e ao proselitismo, dentro e fora dos templos; igrejas que crescem apresentam uma gestão empresarial e um discurso afinado com o mercado; igrejas que crescem apresentam metas de crescimento numérico e financeiro, em alguns casos, com premiação ou com punição, respectivamente, caso os objetivos sejam ou não alcançados; igrejas que crescem têm expressiva presença midiática, seja por televisão, rádio ou internet.

Igrejas que crescem potencializam os discursos de prosperidade e de bênção, de cura divina e de libertação (exorcismo), por meio da propaganda de testemunhos de fiéis; igrejas que crescem utilizam o templo como espaço central para congregar, para fidelizar novos membros e novos clientes, e para arrecadação; igrejas que crescem disponibilizam novos obreiros e obreiras (ou pastores e pastoras) mais rapidamente, a partir de uma formação mínima e contando que a própria pessoa inicie um novo trabalho missionário; igrejas que crescem possuem uma agenda que promove bens e serviços religiosos e sociais, especialmente, de assistência social e de cuidado, com distribuição de mantimentos e visitação a membros em potencial ou a novos membros; igrejas que crescem convencem uma parcela de seus membros de que o que se espera deles é fidelidade nos dízimos, generosidade nas ofertas, presença nos cultos, trabalho voluntário nos ministérios e departamentos, missão e proselitismo.

1.1 Das projeções de que os evangélicos seriam maioria à realidade da desaceleração

Difícilmente teríamos como avaliar, via Censo, se a desaceleração se deve ou não a “cristãos evangélicos nominais” e a “desigrejados”. Partimos do pressuposto de que a resposta à pergunta foi exata. Respondeu que é evangélico (e de qual denominação) quem realmente o é. Não significa que não tenhamos um certo percentual de cristianismo evangélico nominal, como no caso do cristianismo católico brasileiro, popularmente chamado de “católicos de IBGE” ou de “católicos não praticantes”, ou do cristianismo evangélico norte-americano, ou que o movimento de desigrejados tenha perdido força. Significa que confiamos

que a pessoa tenha condições de expressar adequadamente sua pertença religiosa – ou o seu não pertencimento – bem como de quem reside na mesma casa.

Os anseios e os temores por um “Brasil evangélico” surgiram a partir de projeções do crescimento do número de evangélicos. Se antes havia certo sonho evangélico de hegemonia religiosa, ele se tornou possível a partir dos números. José Eustáquio Alves projetou⁷: “os católicos com 49,9% das filiações religiosas em 2022 (pela primeira vez abaixo dos 50%) e com 38,6% em 2032, e os evangélicos apresentando percentuais de 31,8% e 39,8% no mesmo período” (Alves, 2022, p. 4). Naturalmente, esses resultados tiveram ampla repercussão e geraram certa expectativa social, principalmente, entre os evangélicos, católicos, religiosos, não religiosos e pesquisadores.

O que poderia indicar maior pluralidade (religiosa) da sociedade brasileira, passou a ser concebido como um novo projeto de poder, substituindo o poder católico romano. Evangélicos procuram reestabelecer “uma espécie de neocristandade, a dominação cristã do Estado e da vida privada” (Mariano, 1999, p. 104). De um lado, motivados por tema dominionista⁸ adaptado a cada país, “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”, e com um projeto de poder bem delineado (Macedo; Oliveira, 2008), estavam evangélicos que formavam o campo evangélico hegemônico, com poder econômico, politicamente representado e engajado nas mídias digitais; de outro, estavam outros evangélicos, outros religiosos ou não religiosos, que percebiam a ascensão de evangélicos ao poder como uma ameaça à Democracia.

Apenas certo número de evangélicos na sociedade, quer dizer, certo percentual de presença evangélica seria suficiente para uma mudança significativa na sociedade brasileira? Mesmo que partíssemos do pressuposto de uma hegemonia evangélica e que os referidos evangélicos ultrapassassem os católicos, nós teríamos um tipo de “evangelistão”? Para a consolidação de uma “teocracia evangélica” fundamentalista outros objetivos precisariam ser alcançados. Além de maior presença política no Executivo e no Legislativo,

⁷ “Assim, com base nas evidências disponíveis entre 2010 e 2022, realizamos uma projeção cobrindo o período de 2010 a 2032, assumindo os seguintes pressupostos: continuidade da queda das filiações católicas no ritmo de 1,2% ao ano e aumento anual de 0,8% dos evangélicos, de 0,17% das outras religiões e 0,23% das pessoas autodeclaradas sem religião” (Alves, 2022, p. 4).

⁸ Para diferenciação entre teonomismo, reconstrucionismo e dominionismo remetemos a Martins (2024).

precisaria conquistar a orientação liberal-republicana no Judiciário, na mídia corporativa e, sobretudo, nas consciências, seja por meio de meios de convencimento coercitivos ou não.

O que temos de concreto é que não se realizaram as projeções de crescimento dos evangélicos e de decréscimo de católicos que apontavam para uma hegemonia do primeiro grupo sobre o segundo. As condições não se mantiveram e não sabemos ao certo quais fatores alteraram os movimentos que estavam em curso. À frente, apresentamos algumas hipóteses. Porém, há uma pequena frustração em relação àquilo que se acreditava estar em marcha – a conquista da hegemonia religiosa por parte de evangélicos. No entanto, o demógrafo José Alves compreende que a transição religiosa permanece e, em nova projeção, calcula que “o percentual de católicos deve cair para 51,2% em 2030, para 44,3% em 2040 e para 38% em 2049. O percentual de evangélicos deve subir para 30,4% em 2030, para 34,7% em 2040 e para 38,6% em 2049” (Alves, 2025, p. 5).

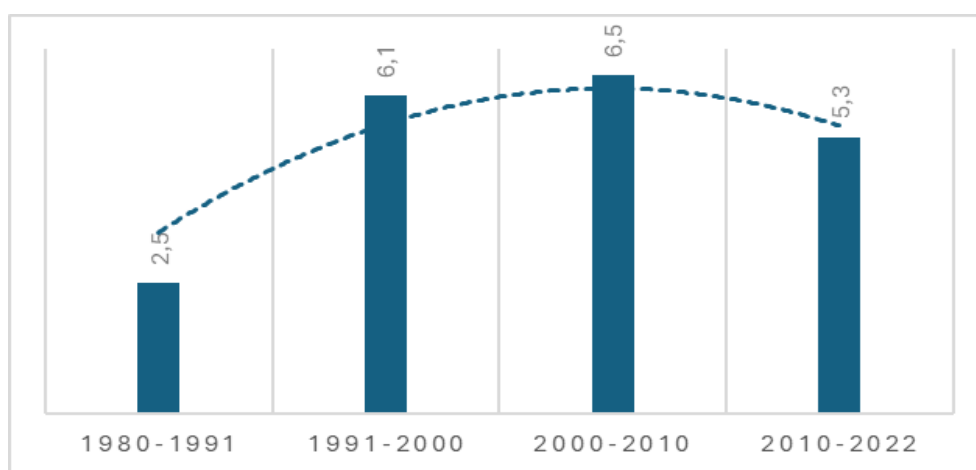
Para que os evangélicos continuem crescendo são necessários certos fatores internos e externos. Segundo Ricardo Mariano: “o Pentecostalismo cresce, sobretudo, na pobreza e na periferia das regiões metropolitanas” (Mariano, 2008, p. 71). Evangélicos pentecostais – e, na atualidade, neopentecostais – construíram um discurso que alcança os empobrecidos diante de problemas sociais concretos. Em vista disso, para o autor, o sucesso proselitista do pentecostalismo depende “de sua capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fiéis e potenciais adeptos lidarem com ele” (Mariano, 2008, p. 71). Para o crescimento pentecostal e neopentecostal, há necessidade de condições socioeconômicas específicas e de que pentecostais e neopentecostais tenham capacidade de realizar algo a mais, como a promessa de prosperidade, o acolhimento afetivo e a assistência social básica.

De acordo com Ivone Gebara, “o fundo da experiência religiosa cristã como, aliás, das outras religiões, tem a ver com ausências e carências” (Gebara, 2008, p. 55). O discurso religioso e a experiência religiosa devem tocar ausências e carências, sobretudo, das condições concretas da existência. É diante de

necessidades vitais não supridas, frustradas ou parcialmente satisfeitas que emerge determinada religiosidade ou experiência religiosa. Mariano adverte que “a expansão pentecostal poderá desacelerar nas próximas décadas, se ocorrer acentuada melhoria nos indicadores sociais, nas taxas de escolarização e nas condições de vida da população” (Mariano, 2008, p. 71). Portanto, um salto social qualitativo, social, econômico e educacional faria desacelerar o crescimento evangélico brasileiro, especialmente, pentecostal e neopentecostal.

Como mencionamos neste estudo, o crescimento evangélico no Brasil é contínuo, chegando a 26,9% da população, uma situação em que um em cada quatro brasileiros acima de quinze anos se declara evangélico. Entretanto, queremos retomar um aspecto importante: os dados revelam que, ainda que continuem crescendo, os evangélicos crescem em ritmo menos acelerado (Gráfico 3). Entre a década de 1980 e 1991, os evangélicos cresceram 2,5%. Entre 1991 e 2000, os evangélicos cresceram 6,1%. Entre 2000 e 2010, os evangélicos cresceram 6,5. E, entre 2010 e 2022, os evangélicos cresceram 5,3%. A linha de tendência polinomial no gráfico demarca a relação não linear de crescimento evangélico, seguindo um padrão complexo de crescimento e apresentando uma tendência.

Gráfico 3: Pontos percentuais de crescimento absoluto com linha polinomial de interseção

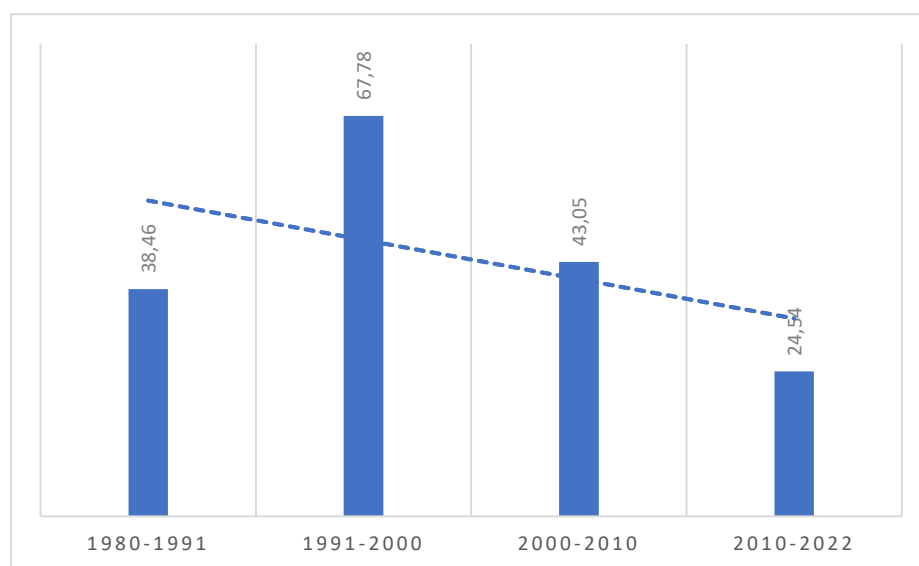


Fonte: Elaboração do autor com base no IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022.

O crescimento evangélico apresenta uma tendência de desaceleração (Gráfico 4). Entre 1980 e 1991, os evangélicos apresentaram um crescimento

percentual em relação à base de 38,46%. Entre 1991 e 2000, os evangélicos cresceram 67,78%. Entre 2000 e 2010, os evangélicos cresceram 43,05%. E, entre 2010 e 2022, os evangélicos cresceram 24,54%. Frente a sua maior base relativa, de 21,6% da população, os evangélicos apresentaram seu menor crescimento, de 24,54% entre 2010 e 2022. Mesmo que a tendência não estivesse clara entre 2000 e 2010, já que o crescimento foi de 6,5% entre a população, este crescimento fora relativamente menor do que na década anterior.

Gráfico 4: Crescimento percentual com linha de tendência



Fonte: Elaboração do autor com base no IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022.

A linha de tendência do gráfico demonstra o menor percentual relativo de crescimento frente à base, 24,54%. É um ritmo de crescimento menor do que nas décadas anteriores destacadas por nós. Um cálculo simples – tomar a diferença entre o número inicial e o final de crescimento entre o primeiro e o último ano examinado e dividir pelo total de anos – revelaria a desaceleração. Entretanto, ao aplicarmos a Fórmula da Taxa de Crescimento Anual Média (TCAM), descobrimos que o crescimento anual médio entre os anos de 1980 e 2022 foi de $\cong 3,48\%$. Já entre os anos de 2010 e 2022, o crescimento anual médio dos evangélicos foi de $\cong 1,89\%$. Portanto, a taxa média anual de crescimento dos evangélicos foi a menor do período examinado, de - 1,59%.

Em certo sentido, uma desaceleração é esperada diante de um cenário de acirramento da disputa religiosa, de competitividade do mercado religioso, de

uma reação de outros grupos religiosos e de certa acomodação da própria base evangélica. Em maior proporção, fica mais difícil para os evangélicos avançarem e se manterem sob o mesmo ímpeto missionário e proselitista. Segundo Paul Freston, em entrevista ao jornalista Bruno Alfano, ao chegarem a “26% da população, é inevitável o surgimento de evangélicos não praticantes” e, sob essas circunstâncias, “pode haver migração tanto para sem religião como até para o catolicismo” ou mesmo “uma transição para o judaísmo ou pelo menos de formas fortemente influenciadas pelo judaísmo” (Alfano, 2025).

Freston (2010) já suspeitava que chegaria o momento de um estancamento do crescimento protestante, talvez, de uma posterior queda no número de evangélicos; por duas razões haveria um teto no crescimento protestante: “Primeiro, o declínio católico terá um limite; há um núcleo sólido que não vai desaparecer, e no Brasil esse núcleo constitui mais ou menos 25% a 30% da população” (Freston, 2010, p. 24). Esse sólido núcleo católico é formado por católicos praticantes, que comungam regularmente, que se confessam e que se apropriam da identidade cristã católica romana. Em segundo lugar, prossegue o autor: “o protestantismo atualmente recebe pouco ou mais de uma em cada duas pessoas que abandonam o catolicismo. Em outras palavras, pelas tendências atuais, nunca haverá uma maioria protestante no Brasil” (Freston, 2010, p. 24). Ronaldo de Almeida é outro autor que apontava na mesma direção: “os pentecostais não serão maioria no Brasil, pelo menos não no tempo e na forma como ‘otimistas’ e ‘preocupados’ parecem esperar” (Almeida, 2008, p. 50).

Essa desaceleração pode ser prenúncio do esgotamento do modelo evangélico de crescimento. O modelo que trouxe os evangélicos até esse momento não seria capaz de levá-los adiante – especialmente, quando renunciaram a certas estruturas que ajudaram a consolidar o pensamento protestante, como a escola dominical, escolas paroquiais e instituições de assistência social. De acordo com Fabio Miessi e Raphael Corbi, “o avanço evangélico foi impulsionado por um modelo de expansão baseado na multiplicação de templos de baixo custo, com estrutura enxuta e replicação rápida” (Miessi; Corbi, 2025). Se a fragmentação foi um aspecto da disseminação de templos evangélicos e do surgimento de novas igrejas evangélicas, a “competição entre igrejas evangélicas e com a Igreja

Católica impõe limites à abertura de novos templos” (Miessi; Corbi, 2025). No contexto do mercado religioso, os evangélicos não competem apenas com católicos, ganhando adesão e simpatia de católicos nominais, mas entre os próprios evangélicos – tradicionais ou pentecostais – e com outros segmentos religiosos e não religiosos, como “desigrejados”, sem religião, umbanda e candomblé.

1.2 Implicações políticas da desaceleração do crescimento evangélico

À medida que cresciam, os cristãos de origem protestante passaram a aspirar reconhecimento social. O que é legítimo já que fazem parte do conjunto da sociedade. Dialeticamente, o crescimento evangélico induzia uma onda de cultura gospel (Cunha, 2007), da qual fazem parte o mercado gospel e/ou evangélico, os megatemplos (Alves, 2023) e o novo jeito de ser evangélico. As novas posições sociais alcançadas pelos evangélicos – quer dizer, sua presença em extratos mais altos da sociedade e sua participação política – possibilitavam maior visibilidade, maior exigência de direitos individuais e maior crescimento. Esses evangélicos se tornaram militantes. Entre as áreas privilegiadas de atuação estavam as comunicações, inicialmente, rádio e televisão, e a política, a representação partidária e as eleições para cargos executivos e legislativos, desde a formação da Frente Parlamentar Evangélica, em 2003, a candidatos apoiados por evangélicos disputando a Presidência da República. De acordo com Carlos Henrique Oliveira, “os evangélicos são mais engajados e atuantes nas reivindicações sociais principalmente nos temas morais. Também se apresentam mais atuantes na política e na economia” (Oliveira, 2021, p. 2).

Portanto, evangélicos não realizam apenas uma atuação política militante, mas, também, uma atuação em pautas econômicas. O crescimento numérico traz, como um dos resultados e a partir do discurso religioso, o crescimento econômico e financeiro das instituições religiosas. A engrenagem religiosa gira em torno da ideia de que a maior quantidade de pessoas gera mais dinheiro; dinheiro a ser investido, apenas em parte, em alcançar mais pessoas; e, com mais pessoas e mais dinheiro, maior presença social midiática, política e militante. Evangélicos demonstram que economia é política ao assumirem perspectivas econômicas para o Estado e o conjunto da sociedade. A Teologia da Prosperidade, abraçada

por grande número de igrejas pentecostais e neopentecostais, é uma perspectiva socioeconômica religiosa da doutrina política econômica neoliberal (Martins, 2024). Não significa, porém, que no todo os evangélicos sejam contrários à intervenção do Estado na economia ou rigorosos defensores da iniciativa privada (Bohn, 2004).

A desaceleração do crescimento evangélico tem implicações políticas frente à disposição de evangélicos de alcançar a hegemonia religiosa e de pautar a agenda política brasileira. Evangélicos são pessoas, são cidadãos, são recursos financeiros, são ativos políticos e sociais. Os cinco maiores colégios eleitorais brasileiro são: São Paulo, \cong 22,7% do eleitorado do País; Minas Gerais, \cong 10,5% do eleitorado; Rio de Janeiro, \cong 8,3%; Bahia, \cong 7,2%; e Rio Grande do Sul, com \cong 5,5%. Juntos, os cinco colégios eleitorais representam aproximadamente 53,8% do eleitorado nacional. São colégios-chave para definir a eleição presidencial. Nas capitais desses colégios eleitorais, podemos relacionar o percentual de católicos e de evangélicos. Os católicos não alcançam a média nacional, de 56,7%, em nenhuma das cinco capitais dos principais colégios eleitorais. Por outro lado, apenas em uma dessas capitais os evangélicos superam a média nacional: em Belo Horizonte eles são 27,3%. O voto religioso tem estado no centro do debate nas últimas eleições e não temos razões para crer que nas próximas será diferente.

Ao acompanharmos os dados, não podemos ceder à tentação de traçar uma linha contínua como se a religião fosse a razão; e o voto, o resultado. Essa perspectiva se tornou um tanto turva por causa das Eleições Gerais de 2018 e de 2022. Certamente, a religião se colocou na arena pública, pautando o debate, e o voto evangélico foi determinante para o resultado eleitoral em 2018 (Alves, 2018). Teríamos que examinar se o voto evangélico é determinado ou não por razões religiosas. Para Magali do Nascimento Cunha, “é um grande equívoco (quando não má-fé para conduzir campanhas oportunistas) falar de ‘voto evangélico’ em geral ou de um apoio político único dos evangélicos” (Cunha, 2022, p. 93). De fato, especialmente em períodos eleitorais, certas autoridades eclesiásticas se apresentam como representantes dos evangélicos e tratam esse segmento religioso plural como homogêneo e monolítico.

Segundo Cunha, os evangélicos são “pessoas autônomas que decidem pelo

voto, fundamentalmente, de acordo com suas preferências” (Cunha, 2022, p. 93). Como ocorre com quaisquer cidadãos, os evangélicos votam conforme suas perspectivas econômicas, políticas e sociais. Para a autora, é necessário compreender a cultura evangélica e os elementos do mundo evangélico. Entre aspectos da *cosmovisão* evangélica, podemos relacionar: a moral sexual evangélica; a defesa da “família tradicional brasileira”; a batalha espiritual, que compreende determinados temas como inimigos da fé evangélica e da família.

2 Hipóteses à desaceleração do crescimento evangélico

Como vimos neste artigo, os dados do Censo de 2022 apontam que os evangélicos crescem em ritmo menos acelerado. De posse das principais explicações ao crescimento evangélico das últimas décadas e dos novos dados religiosos acerca da população brasileira, levantamos algumas hipóteses quanto à desaceleração do crescimento evangélico. Partimos de três hipóteses explicativas: esgotamento do modelo evangélico brasileiro, reação católica romana e identificação sociopolítica dos evangélicos com o bolsonarismo.

2.1 O modelo evangélico brasileiro demonstra esgotamento?

A primeira hipótese explicativa à desaceleração do crescimento evangélico brasileiro é o esgotamento do modelo evangélico brasileiro. Por esgotamento, compreendemos o cansaço e a exaustão causados pela pressão do crescimento numérico e financeiro; o esforço para manter girando as engrenagens institucionais no mercado religioso; os afetos envolvidos em estratégias de mobilização e de motivação, despertando cada vez o emocional, e a sensação de fuga ou de prazer. Esses mesmos aspectos devem estar ligados ao adoecimento de autoridades eclesiásticas. O esgotamento do modelo evangélico brasileiro se apresenta na fragmentação dos cristianismos protestantes brasileiros. Cada denominação possui suas autoridades eclesiásticas exclusivas, seus intérpretes do livro sagrado, suas orientações normativas, seus credos, suas doutrinas e seus costumes, seus templos, suas editoras e os canais oficiais de propaganda. Em alguns casos, a própria igreja local basta a si mesma. A fragmentação é tamanha que cada denominação possui seu próprio magistério e sua própria tradição eclesiástica, a convencer que remonta às origens do Cristianismo.

Contraditoriamente, a fragmentação dos evangélicos pode ser menos rígida na prática do que na aparência. Aparentemente, cada congregação local, com sua identidade nominal, com suas doutrinas distintivas e com sua administração eclesiástica, é única. Não estamos nos referindo ao sentido socioantropológico de que cada eclesiano é uma personalidade e que cada conjunto social de indivíduos é singular. No entanto, como prática religiosa, as fronteiras entre os evangélicos se tornaram mais fluidas. Antigamente era mais fácil distinguir “os evangélicos”. Ao mencionarmos as práticas religiosas, estamos considerando, especialmente, a liturgia, o culto e a missão. A liturgia do culto contemporâneo contém, grosso modo, quatro partes: cânticos, ofertas, pregação e orações espontâneas. Esse modelo suplantou outras liturgias cristãs tradicionais entre protestantes e entre evangélicos, que incluíam, entre outros elementos, adoração, confissão, leitura do Credo, oração do Pai Nosso.

Destacam-se as igrejas com paredes pintadas de preto, com um palco, uma banda e um pregador, que lembram casas de shows, as *chuches*, em um tipo de *gourmetização* a se espalhar pela religião. Cânticos e arranjos musicais são praticamente os mesmos do Oiapoque ao Chuí. Algo semelhante podemos dizer a respeito das pregações... De acordo com Byung-Chul Han: “Os pregadores evangélicos de hoje atuam como gerentes e treinadores motivacionais, que pregam o novo evangelho do desempenho e da otimização infinitos” (Han, 2020, p. 47). Muitos pregadores parecem seguir o modelo neoliberal de autoajuda. A similaridade entre liturgias e cultos, entre práticas eclesiásticas, missionárias e proselitistas pode indicar ações de mercado. Cada marca tende a se posicionar ao lado daquelas que julgam obter sucesso e imitá-las naquilo que é possível. O mimetismo buscaria copiar e reproduzir organizações eclesiásticas ou práticas eclesiásticas bem-sucedidas, do ponto de vista do empreendedorismo religioso, do mercado religioso. Um indício do que estamos mencionando seria a importação de estratégias de crescimento eclesiástico e de franquias religiosas.

O esgotamento do modelo evangélico brasileiro se apresenta na adoção de métodos de crescimento. As estratégias tradicionais de missão e de proselitismo das diversas denominações eclesiásticas eram: escola dominical; cultos públicos, com destaque ao culto dominical, com *apelo* após a pregação; evangelização de

porta em porta; e distribuição de panfletos. Desde o final dos anos de 1990, igrejas evangélicas brasileiras importaram estratégias de crescimento, como “uma igreja com propósitos” (Warren, 1997). As novas estratégias se originaram na gestão por resultados, na *Nova Reforma Apostólica*, com a ideia de restauração de um suposto ministério apostólico e profético, com ênfase na Batalha Espiritual; e no *Modelo de Igreja Celular*, popularmente conhecido como G12, a visão de igrejas em células, em uma estrutura piramidal, com retiros espirituais – o Encontro com Deus – e com ênfase em processos de supervisão e de multiplicação.

O esgotamento do modelo evangélico brasileiro se apresenta na adesão de franquias religiosas. O que se tornou novidade no cenário evangélico brasileiro é a aquisição de pacotes fechados de crescimento de igrejas, a partir de participação em congressos e em encontros, com estratégias de *marketing*, de organização eclesial, do espaço cúbico e a mentoria por resultados. As franqueadas se beneficiam do *case* de sucesso e do *nohall* da franqueadora. Por traz da estratégia evangélica hegemônica estaria uma tentativa de homogeneização. A fim de alcançar os objetivos de crescimento numérico e financeiro, igrejas evangélicas estariam cada vez mais parecidas em sua arquitetura, em suas liturgias e em suas práticas. Ao invés de conservar a pluralidade de suas confessionalidades e de suas tradições, a pluralidade regional de musicalidade e de culturas, estariam se tornando cada vez mais homogêneas, inclusive, em suas agendas eclesial e nas reivindicações de políticas públicas. Haveria um certo rebaixamento teológico-prático e o predomínio monocromático.

Uma das consequências do esgotamento seria a saturação. O mercado religioso estaria saturado por modelos e franquias evangélicas. Esses modelos e essas franquias seguiriam a orientação evangélica dominante, isto é, a prática evangélica hegemônica que determinaria o verdadeiro modelo evangélico. Em vista disso, não restaria muito senão a autofagia: precisam esmagar e engolir uns aos outros para sobreviver institucionalmente, especialmente, diante de uma reação católica em andamento. Algumas disputas entre autoridades eclesial seriam por mercado e por consumidores. Não estamos nos referindo a horário de rádio ou de TV, que tende a diminuir com o avanço da *internet*, mas a declarações públicas questionando pregadores – ministério pastoral feminino ou pregadores-

mirins – e práticas pastorais compreendidas como pouco ortodoxas – contribuições de dízimos e ofertas a particulares sem passar pelo templo ou participação apenas virtual em uma congregação. O posicionamento público teria como objetivo principal a manutenção do próprio rebanho.

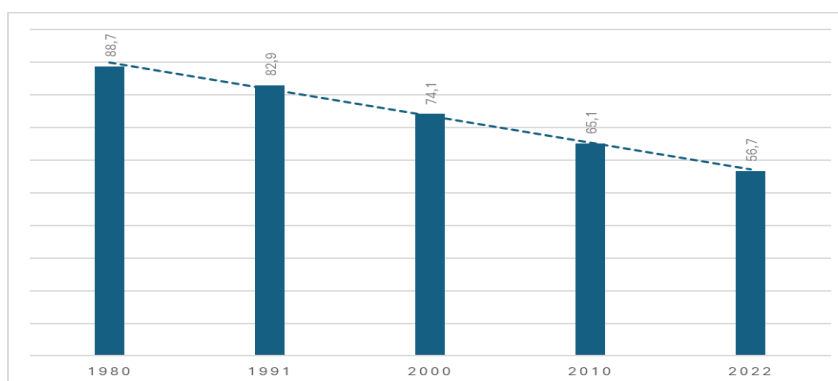
O esgotamento de formas hegemônicas de crescimento evangélico não indica, necessariamente, o esgotamento de todas as formas de crescimento evangélico. É possível que surjam formas menos institucionalizadas, menos dogmáticas, mais autônomas, mais fluídas e mais comunitárias. Seria a substituição de um modelo hegemônico de grandes templos (megatemplos), de grandes concentrações de pessoas, para ambientes mais reservados, mais familiares, de celebração cültica e de serviço social.

A hipótese de um esgotamento do modelo hegemônico de crescimento evangélico não significa nem mesmo que esse modelo deixe de ser hegemônico na próxima década. É que esse modelo está assentado no próprio mercado e na prática evangélica hegemônica.

Desconsideramos como explicação à desaceleração o cometimento e a divulgação de crimes realizados por autoridades eclesiásticas. Parece-nos que adultério, abuso espiritual, assédio moral, corrupção, enriquecimento (ilícito), estelionato, homicídio, lavagem de dinheiro e violências sexuais praticados por autoridades eclesiásticas afetam pouco ou nada o conjunto dos evangélicos. Mesmo quando um pequeno rebanho se espalha por conta de um crime, o discurso majoritário é que “se cometeu crime não era um verdadeiro pastor”. E, em geral, as pessoas simplesmente se reúnem em torno de outra autoridade eclesiástica, de outra instituição religiosa.

2.2 A reação católica demonstra ser capaz de frear o declínio?

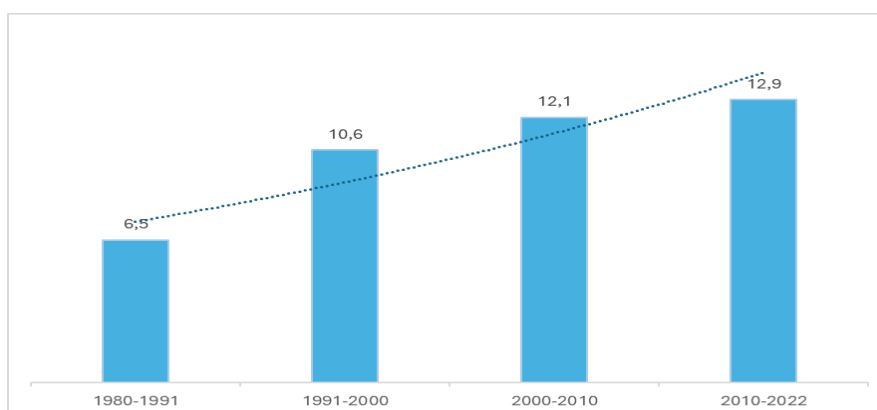
Gráfico 5: Decréscimo no número de católicos



Fonte: IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022.

O Gráfico 5 ilustra o decréscimo no número de católicos no Brasil. Os católicos eram 88,7% em 1980 e 56,7% em 2022. Em quarenta e dois anos, os católicos tiveram uma diminuição de 32 pontos percentuais. Entre 1980 e 1991 houve um decréscimo percentual total de -6,51%; entre 1991 e 2000, de -10,6%; de 2000 a 2010, de -12,1%; e de 2010 a 2022 o decréscimo percentual total foi de -12,9%, o maior entre todos os intervalos analisados (Gráfico 6). Aplicando a Taxa de Crescimento Anual Média (TCAM) descobrimos que, nesse período de quarenta e dois anos, a taxa média anual de perda foi de $\cong -1,06\%$. Se recortarmos o período entre 2010 e 2022 descobriremos que, em doze anos, a taxa média anual de perda foi de -1,14%, ou seja, houve um leve aumento na perda de católicos. A curva de tendência ilustra essa situação.

Gráfico 6: Tendência exponencial de decréscimo entre católicos



Fonte: IBGE, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022.

Entre 2010 e 2022, os católicos reduziam 8,4 pontos percentuais dentro

de uma base social inicial de 65,1%, então, mesmo que a perda absoluta tenha sido menor do que na década anterior – entre 2000 e 2010 os católicos perderam 9,0 pontos percentuais ou -1,22% ao ano –, foi uma perda proporcional maior, de 12,9%, ainda que -1,14% ao ano. No intervalo de 2010 e 2022, os evangélicos cresceram 5,2 pontos percentuais. Com os dados que estão à disposição, podemos afirmar que nem todas as pessoas que estão deixando o catolicismo estão se tornando evangélicas. Considerando os dados do Censo, o declínio numérico de católicos não apresenta sinais de desaceleração ou de redução no ritmo de perda.

No entanto, mesmo que não apareça nos números do Censo, nós podemos observar, empiricamente, uma reação católica. Mencionamos algumas reações de longo prazo, porém, nos concentramos naquilo que podemos observar nos últimos dez anos. Apesar de destacarmos a reação católica, podemos considerar uma possível reação de grupos religiosos minoritários, como as religiões de matriz africana e os sem religião. O que nos faz lembrar que os evangélicos não correm sozinhos, e a tendência é um acirramento da disputa religiosa e não religiosa nos próximos anos.

De fato, os evangélicos não estão sozinhos no mercado religioso. A primeira impressão é que apenas eles são atuantes e que os demais grupos religiosos estão inertes. Porém, muitos grupos religiosos e não religiosos passaram a se mobilizar na propagação de suas ideias e de suas práticas. São os casos dos católicos romanos – como vemos –, dos espíritas, de religiosos de matriz africana, de indígenas, dos desigrejados, de agnósticos e de ateus. O mercado religioso é extremamente dinâmico e variável. Às vezes, é preciso tempo para observar transformações mais profundas.

Nas últimas décadas, a Igreja Católica Apostólica Romana vivenciou mudanças essenciais. Desde o Concílio Vaticano II, passando pela Teologia da Libertação e pelo Movimento Carismático, o catolicismo procurou responder às demandas sociais contemporâneas. Nesse sentido, precisamos destacar a *nova evangelização*. Na exortação *Evangelii nuntiandi*, o Papa Paulo VI afirma que a evangelização é missão da Igreja e convoca clérigos e leigos a serem ativos na evangelização, por todos os meios, especialmente, pelo testemunho de vida.

Tendo como centro a salvação em Cristo, “libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação sobretudo do pecado e do maligno” (Igreja Católica, 1975, s. p.), a ideia de uma nova evangelização foi levada adiante pelo Papa João Paulo II, na encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário e pelo Papa Francisco, em *Evangelii Gaudium*, exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. O Papa Bento XVI criou o Pontifício Conselho à Promoção da Nova Evangelização. Portanto, a nova evangelização expressa a reação católica de longo prazo.

No sentido de convocação de clérigos e de leigos à evangelização, o *movimento carismático* pode ser compreendido como uma reação católica ao avanço dos evangélicos e uma versão católica da experiência pentecostal protestante. Donald W. Dayton identificou: “quatro temas cristológicos que definiam a *gestalt* do pensamento e o *ethos* pentecostal: Cristo como Salvador, como Batizador no Espírito Santo, como Curador, e como o Rei que vem” (Dayton, 2012, p. 123)⁹. As ênfases teológico-práticas do movimento carismático são fundamentalmente as mesmas: a glossolalia (línguas estranhas), a cura divina e a libertação (exorcismo).

Tanto cristãos católicos quanto cristãos pentecostais podem reivindicar, no discurso religioso, o *Pentecostes* como legitimação bíblico-teológica da experiência pentecostal e/ou carismática. O Movimento Carismático Católico procura dar conta dos anseios, entre católicos, por uma experiência católica carismática. Porém, o movimento carismático também é um outro jeito de ser igreja ou de se fazer igreja em contraposição à Teologia da Libertação e às Comunidades Eclesiais de Base. Finalmente, o movimento carismático é uma força política (Miranda, 1999) dentro e fora da Igreja Católica e, à semelhança dos evangélicos neopentecostais frente aos demais evangélicos, os católicos carismáticos parecem querer uma hegemonia dentro do catolicismo.

Outro aspecto da reação católica é a profusão de canais apologéticos nas redes sociais, especialmente, no *YouTube*, no *Instagram* e no *Telegram*.

⁹ “Entonces nuestro análisis nos llevó a la identificación de cuatro temas cristológicos que definían la *gestalt* del pensamiento y *ethos* pentecostal es: Cristo como Salvador, como Bautizador en el Espíritu Santo, como Sanador, e como el Rey que viene”.

Apologética é a parte da doutrina que cuida de responder teologicamente à descrença, de expor as razões da crença por meio de argumentos lógicos à fé e da racionalização da religião. Mesmo que os padres cantores tenham tido sua importância a partir dos grandes meios de comunicação, como programas de televisão, programas de auditório, encontros com celebridades, os apologetas católicos, clérigos e leigos, são mais incisivos. Entre suas características estão o debate, o enfrentamento, o *react* e a polêmica como *views*.

A Igreja Católica, por ser uma instituição milenar, guarda dentro de si uma competente capacidade apologética e missionária. Desde os textos dos Pais da Igreja, especialmente, daqueles que ficaram conhecidos como *os apologistas* até o Movimento de Contrarreforma ou da inserção em nações de outras religiões ou de outros segmentos do cristianismo, o catolicismo acumula uma vasta experiência e uma extensa literatura que lhe dá condições de travar embates teológicos ou filosóficos. Nesse momento, a formação do clero católico se diferencia do clero evangélico.

Os católicos levam outra vantagem: a despeito dos diferentes *carismas* e *ministérios*, o catolicismo possui uma única orientação doutrinária, descrita no *Catecismo da Igreja Católica*¹⁰, nos dogmas da Igreja, consubstanciada por seus concílios e suas tradições. A pluralidade do catolicismo – que Claudio Ribeiro (2024) denomina de “catolicismos” – se mantém dentro de uma instituição, sob o pastoreio do Papa e orientado por uma Tradição Eclesiástica. A diferença de carismas comporta dentro da mesma Igreja, não obstante as tensões, um Frei Gilson e um Pe. Júlio Lancelot, um Pe. Paulo Ricardo e uma Freira Ivone Gebara. As ordens religiosas expressam essa pluralidade e atritos político-religiosos. A catolicidade apostólica romana convive com o conflito entre adeptos do Concílio de Trento e defensores do Concílio Vaticano II, com alguns grupos mesmo flertando com a dissidência, a exemplo de sedevacantistas.

Já “os evangélicos” são tradições nacionais, eclesiais, doutrinárias e culturais distintas (Niebuhr, 1992; Bonino, 2003). Não apenas se tratarmos em termos de tradições – os protestantes, os pentecostais e os neopentecostais

¹⁰ Neste momento, há uma disputa no interior do catolicismo brasileiro acerca de qual é o verdadeiro catecismo católico, se o Catecismo Tridentino, defendido católicos tradicionalistas, ou o Catecismo Moderno.

(Mendonça, 2008; Velasques Filho, 1990) –, mas, inclusive, no interior de cada uma. Os protestantes luteranos, anglicanos, calvinistas, congregacionais, batistas, metodistas são muito diferentes em termos de organização eclesial, de doutrina e de prática religiosa. Mais diversos ainda se nos depararmos entre os pentecostais e os neopentecostais. Para Prócoro Velasques Filho: “As estruturas eclesiais protestantes são portadoras de uma pluralidade teológica que constantemente se manifesta através de conflitos, crises e cismas” (Velasques Filho, 1990, p. 146). Essa fragmentação faz com que tenham de se impor uns frente aos outros.

Se nas últimas décadas nos acostumamos com o trânsito religioso de mão única, com católicos romanos se convertendo às igrejas evangélicas e com evangélicos migrando entre si, o novo contexto sociorreligioso apresenta uma via de mão dupla: evangélicos se convertendo ao catolicismo. O que é uma surpresa na América Latina parece ser comum nos Estados Unidos, país de origem protestante e majoritariamente protestante até meados do século passado. A Igreja Católica Apostólica Romana se converteu na maior igreja norte-americana: ultrapassando Metodistas, Batistas, Mórmons e Presbiterianos, os católicos são 23% da população estadunidense, somando quase 72 milhões de pessoas. Esses números colocam os EUA como o quarto país mais católico do mundo, atrás apenas de Brasil, México e Filipinas (Vaticano, 2024). A curva naquela nação ocorreu na primeira década do século XXI. Ainda assim, se somados, protestantes e evangélicos são maioria. De qualquer forma, destacamos um fenômeno presente na América do Norte: a conversão de protestantes ao catolicismo.

Podemos mencionar as conversões de Gilbert Keith Chesterton, de Kimberly Hahn e de Scott Hahn. A conversão de protestantes ao catolicismo vem ocorrendo com maior intensidade nos últimos anos no Brasil. Esse movimento tem gerado preocupação em pastores que procuram explicar as razões. O natural – para evangélicos – era a conversão de católicos a evangélicos, no entanto, o que parece crescer – como antinatural para evangélicos – é o número de evangélicos se convertendo ao catolicismo. Buscando explicações, pastores ouvem o canto “Cocoricó!”, mas não identificam que se trata de um galo e nem sabem de onde vem. Esse movimento de conversão ao catolicismo – chamado por católicos de

“retorno à Igreja Mãe” – evidencia a intensificação na disputa religiosa.

Estaríamos diante de uma contradição: os católicos romanos passaram a utilizar táticas e estratégias semelhantes às evangélicas. Quer dizer, os católicos passaram a utilizar os modos e os meios *como* os evangélicos. De acordo com Ronaldo Almeida: “há um sistema discreto de religiosidade de perfil evangélico-pentecostal que ultrapassa as instituições evangélicas-pentecostais” (Almeida, 2008, p. 49). O jeito pentecostal de ser cristão evangélico ultrapassa as fronteiras do cristianismo evangélico pentecostal. De acordo com o sociólogo Paul Freston: “É o pentecostalismo que estrutura o modelo emergente do campo religioso, um modelo que inclui muitos outros atores, mas do qual os pentecostais são os principais criadores” (Freston, 2010, p. 18). Os modos de comunicação seriam os discursos comuns, como a manifestação e o poder do Espírito, a cura divina, a cura interior e a libertação (exorcismo), cânticos partilhados por evangélicos e por católicos, homilias salvacionistas com maior apelo ético-comportamental. E os meios de comunicação seriam as novas mídias digitais, com maior inserção de católicos apologetas na última década. Uma forma contemporânea de atuação digital também é apropriada por católicos, os *influencers* católicos.

O novo contexto virtual fez emergir figuras e personalidades capazes de alcançar um círculo maior de influência: são os *influencers*. Os *influencers* se destacam como um novo tipo de negócio (Martins, 2024). No caso em questão é o negócio religioso. Tanto católicos quanto evangélicos possuem seus influenciadores que tomam as novas mídias como ambiente prioritário de missão, de proselitismo e de enriquecimento – cada um transmitindo suas mensagens e procurando garantir seu quinhão. Exige-se linguagem e performance para redes sociais a fim de ser *curtido*. Ademais, ao alcançar certa quantidade de visualizações e de interações torna-se um negócio altamente lucrativo, sobretudo, quando o conteúdo *viraliza*. Para maior quantidade de *views* recorre-se à sensibilização ou à polêmica.

É possível considerar a atuação do Papa Francisco como parte da reação católica? A rigor, é cedo para avaliar um papado tão curto. O argentino Jorge Mario Bergoglio foi eleito Bispo de Roma em 13 de março de 2013, vindo a falecer em 21 de abril de 2025. Entretanto, não podemos desconsiderar o contexto

interno e externo no qual ele assumiu. Internamente, explodiam escândalos de pedofilia em todos os continentes. Diversas lideranças e instituições católicas estavam diretamente implicadas em violência e em abuso sexual de crianças e de adolescentes. Em paralelo, havia provas de corrupção do Banco do Vaticano.

Entretanto, o Papa Francisco não era consenso dentro do catolicismo e sua visão em relação à igreja não era hegemônica – eleito pelo Colégio de Cardeais e publicamente questionado por clérigos e leigos católicos. Como se tornou popular no Brasil em anos recentes, vários católicos afirmavam publicamente que “o Papa não me representa”. A negação da autoridade papal como liderança espiritual em segmentos católicos estava vinculada a certas pautas defendidas publicamente por Francisco, entre as quais, o cuidado com o meio ambiente; condições mais adequadas de trabalho; moradia digna; bênção para casais homoafetivos; crítica ao acúmulo de riquezas e à desigualdade social; crítica ao clericalismo; promoção da paz; e chamado à misericórdia. A agenda pública de Francisco foi compreendida como progressista ou mesmo como comunista. Sua atuação como liderança espiritual foi interpretada politicamente em termos de progressismo ou de comunismo, ainda que o Papa jamais tenha proposto a revolução socialista e em muitos temas tenha se mantido fiel à tradição católica.

A reação católica tem se intensificado no Brasil nas últimas décadas. Para Freston: “Há um núcleo sólido de [católicos] praticantes de pelo menos 25% a 30% da população, e fora isso uma franja em que boa parte pode ser convertida em um núcleo mais sólido também. Então, dificilmente cai abaixo de 40%” (Alfano, 2025). O percentual de católicos praticantes é igual ou superior ao número total de evangélicos. A agenda reativa recoloca os católicos de maneira ativa no mercado religioso brasileiro, saindo de uma posição de religião obrigatória, majoritária e defensiva. Nesse momento, não é possível afirmar que essa reação impediu um decréscimo maior no número de católicos. Entretanto, está em marcha uma reação católica que aparenta ser mais que resistência e, no próximo Censo e com outras pesquisas qualitativas, será possível analisar se esta reação alcançou o resultado esperado ou não.

2.3 A associação de evangélicos com o bolsonarismo trouxe consequências?

O envolvimento dos evangélicos com a política partidária evidenciou a intenção de estabelecer uma nova relação com o Estado brasileiro. Se, em um primeiro momento, os protestantes lutaram pela laicidade do Estado e pela pluralidade religiosa, no presente lutam pela hegemonia no Estado e, por meio deste, procuram ocupar um suposto espaço deixado pelo catolicismo. Este espaço vazio – suposto apenas se flexibilizarmos o conceito de Estado laico – foi uma exigência liberal republicana de garantia de direitos individuais e contou com articulação de diversos setores sociais religiosos e não religiosos.

Os movimentos políticos, por assim dizer, através de representantes evangélicos no Executivo, no Legislativo e no Judiciário fazem parte de um projeto de poder (Macedo; Oliveira, 2008). O projeto de poder evangélico quer substituir o antigo poder religioso católico (Bastian, 1997; Martins, 2024). Ante a dificuldade de uma liderança evangélica que, de fato, represente a totalidade dos evangélicos, eles se fazem representar pela Frente Parlamentar Evangélica (Dip, 2018), por alguns empresários-pastores midiáticos e por um conjunto de pautas ditas evangélicas. Magali do Nascimento Cunha (2020, p. 27-32) relaciona algumas reivindicações: a reação sobre os direitos sexuais e reprodutivos; o discurso “pró-família” como um projeto econômico-político; o pânico moral e o permanente embate com inimigos. Consideramos que esses inimigos podem ser reais ou imaginários – criados pela cosmovisão evangélica. A rigor, muitas pautas ditas evangélicas são comuns ao conservadorismo brasileiro.

Em anos recentes, parte considerável de evangélicos se fez representar no *bolsonarismo*. Lideranças evangélicas midiáticas viram, na Eleição de 2018, a oportunidade de alcançar o poder no Executivo e no Judiciário – por meio da indicação de um “juiz terrivelmente evangélico”. À ocasião, sete em cada dez evangélicos votaram em Messias Bolsonaro. Segundo José Eustáquio Diniz Alves: “os resultados eleitorais não deixam dúvida de que Jair Bolsonaro foi eleito, fundamentalmente, com o voto evangélico, quando se considera a variável religião” (Alves, 2018). Esse alinhamento político-ideológico já indicava, contraditoriamente, uma tática explícita de poder com consequências à

identidade evangélica brasileira. De acordo com Franco Iacomini: “Um dos problemas para o crescimento evangélico seria a adesão a projetos políticos, que resulta na visão de que a igreja serve a um propósito pessoal ou ideológico” (Iacomini, 2020, p. 27). Do ponto de vista prático, autoridades religiosas instrumentalizavam o discurso religioso para fins políticos e econômicos.

De acordo com Alves: “há evidências de que a associação entre alguns grupos evangélicos e movimentos de extrema-direita têm causado afastamento de fiéis mais moderados, além de gerar críticas dentro e fora das igrejas” (Alves, 2025, p. 7). Para o autor, entre as razões para o distanciamento dos cristãos evangélicos moderados de igrejas que se associaram à extrema direita “é que muitos fiéis buscam nas igrejas um espaço espiritual, não político” (Alves, 2025, p. 7). Assim como algumas igrejas enxergaram no bolsonarismo uma possibilidade a ascender ao poder, o bolsonarismo encontrou em parte das igrejas um eleitorado fiel e militante, uma base social comprometida ideologicamente e capaz de usar o discurso religioso para legitimar políticas públicas.

Para Freston, a aproximação de Jair Bolsonaro com lideranças evangélicas impactará o ritmo do crescimento evangélico: “essa associação fortíssima da comunidade evangélica com o governo Bolsonaro terá um preço a pagar em termos de adesões” (Alfano, 2025). Segundo o sociólogo, a reação será proporcional ao engajamento: “sempre vai ter uma certa reação a qualquer forma exagerada de engajamento político [...] Quanto mais forte for a associação, como ‘Ah, você é evangélico? Então você é bolsonarista’, mais reação existe” (Alfano, 2025). Observemos que a consideração está no tempo futuro, indicando que o campo religioso evangélico ainda não colheu todos os frutos de sua aproximação com o bolsonarismo. Possivelmente, uma parte expressiva da juventude evangélica; de evangélicos que lutaram contra a Ditadura Civil-militar e pela redemocratização; e de cristãos e cristãs que atuam em favor dos direitos humanos tenham sofrido mais e se distanciado dos evangélicos.

Desconsideramos a Pandemia ¹¹ como explicação à desaceleração do crescimento evangélico. Certamente, a Pandemia descortinou aspectos da vida

¹¹ Freston aponta a Pandemia como uma das possíveis explicações ao baixo crescimento de pessoas sem religião (Alfano, 2025).

sociorreligiosa: a centralização dos templos na prática religiosa; a prioridade do dinheiro nas grandes instituições religiosas; a dúvida quanto aos *dons de cura* de ministros religiosos diante de hospitais lotados; o *clericalismo* ou a dependência do clero a uma experiência religiosa mais profunda; e a compreensão de que é possível uma vivência espiritual em pequenas comunidades e longe de grandes instituições religiosas.

Muitas das grandes instituições religiosas simplesmente retomaram as suas atividades normalmente. A normalidade é exatamente ocultar a Pandemia. Para parte dos evangélicos, a normalidade é esconder um período sombrio na história recente em que evangélicos (Martins, 2022) estavam preocupados em manter os templos abertos; em questionar as orientações de isolamento social e de higiene pessoal, como o uso de máscaras; em promover medicamentos ineficientes e ineficazes contra a Sars-Cov-2; e em objetar a vacinação. Em geral, essas ações condizem com o pensamento evangélico hegemônico recentemente construído, lançando mão de um discurso de perseguição aos evangélicos.

Outra parte dos evangélicos (Martins, 2022) teve atitude oposta: incentivando o fechamento temporário dos templos como medida de proteção, encorajando o uso de máscaras, estimulando práticas de piedade e de misericórdia individuais e familiares, exortando à caridade e à solidariedade com doentes e com necessitados. Assim, ao endossar orientações científicas, eles questionaram cristãos e cristãs a fazerem o mesmo; se propuseram a uma leitura contextualizada do Evangelho, naquilo que compreendiam ser mais adequado à fé evangélica diante de uma situação de excepcionalidade público-sanitária.

Conclusão

Como vimos, os dados do Censo 2022 nos obrigam a repensar o campo religioso brasileiro, com mais perguntas do que respostas. Mesmo porque o IBGE, provavelmente, não terá como aprofundar os dados. Muito do que queremos saber não foi perguntado pelo Instituto. Logicamente, a natureza do Censo não se concentra no tema da religião. É um entre tantos aspectos pesquisados. Os novos dados do Censo apresentam um verdadeiro desafio às ciências humanas, às ciências sociais e às ciências das religiões. Será necessário

revisar profundamente artigos e textos diante da realidade. Será necessário repensar o cenário religioso. Também para cristãos e cristãs haverá desafios em termos eclesiais, pastorais e teológicos. Se alguém contava com maior número de evangélicos – e mesmo uma virada ante os católicos – a fim de consolidar um projeto evangélico de poder, terá de analisar a dinâmica religiosa.

A disputa religiosa está em aberto não apenas porque não se cumpriram expectativas referentes a católicos e a evangélicos, e, sim, pela consolidação de novos atores, como os desigrejados e os sem-religião (agnósticos, ateus etc.). Se o Brasil seguir a orientação que há alguns anos se verifica na Europa e nos Estados Unidos, a tendência é que desigrejados e sem-religiões consolidem a curva ascendente. Esse quadro tornaria menos intenso o trânsito religioso, mesmo o de mão dupla, entre cristãos católicos e cristãos evangélicos.

Terão os evangélicos condições de repensar sua prática? No título do artigo nos apropriamos do poema “No Meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade. Por meio de sua construção simples e ao se referir à pedra como metáfora, o poeta sintetiza a complexidade da vida humana. Em nossa perspectiva, cada religião se apresenta como caminho e, institucionalmente ou na experiência individual, religiosos e autoridades eclesiais afirmam se deparar com pedras, colocadas e construídas, reais ou simbólicas. Para além da interpretação religiosa do Censo, torna-se necessária a compreensão científica dos movimentos religiosos e do campo religioso brasileiro. Talvez, uma possibilidade por parte de autoridades religiosas seja culpar pela desaceleração um dos grandes segmentos evangélicos: apontar para protestantes – cujo crescimento é ínfimo há décadas – ou para pentecostais e para neopentecostais. Para certos aspectos teriam maior dificuldade para buscar culpados, como acusar o *liberalismo teológico*. Em verdade, o discurso evangélico hegemônico não precisa ter lastro na realidade para convencer o fiel que, como crente, estará propício às explicações religiosas de autoridades eclesiais.

Consideramos que as energias de cristãos e cristãs seriam drenadas na própria dinâmica do crescimento. Despender tantos recursos e tanta energia para manter a estrutura eclesial seria seu próprio adoecimento. Sua fraqueza estaria em sua expressão de poder. O castigo seria a consequência de buscar, por

si mesmos, estratégias e métodos de crescimento que lhes afastam daquilo que se supõe seu *éthos*. Querirá sempre mais: mais membros, mais mídia, mais riqueza, mais poder, mais presença pública. A roda precisa girar. A pedra terá de ser rolada no dia seguinte. Falar, portanto, em esgotamento do crescimento evangélico brasileiro não significa que haverá uma estagnação permanente ou mesmo decréscimo no número de cristãos evangélicos no Brasil. Precisamos aguardar porque os cristãos demonstram, historicamente, uma capacidade de se autopreservar e de crescer em cenários adversos. O cristianismo tem revelado uma incrível capacidade de adaptação. Essa compreensão deve ganhar mais força quando consideramos o contexto no qual o cristianismo está presente.

Ainda é cedo para saber como os evangélicos reagirão. Como se trata de um segmento religioso plural e complexo, sem uma única autoridade eclesiástica representativa formal, precisaremos aguardar. O crescimento dos evangélicos como bloco político-religioso parece ser preocupação das grandes lideranças evangélicas brasileiras, cujos interesses políticos estão explícitos. As pequenas igrejas parecem estar mais preocupadas na sobrevivência imediata e em cumprir aquilo que acreditam ser sua missão de salvar o mundo. Claro que, intencionalmente ou não, as pequenas igrejas acabam contribuindo e reforçando o discurso midiático das grandes lideranças evangélicas. Consideramos ainda que, dificilmente, essas lideranças assumirão publicamente uma desaceleração do crescimento evangélico. Será mais fácil afirmar o crescimento contínuo – o que é verdade –, mesmo que não toda a verdade do Censo.

O contexto contemporâneo no qual o cristianismo tem sobressaído e permanece como alternativa religiosa – de experiências místicas ou espirituais, sensitivas e de produção de sentido – existe a partir da simbiose com o capitalismo. O capitalismo tem se vestido de aspectos religiosos – nas palavras de Walter Benjamim: “O capitalismo deve ser visto como uma religião” (Benjamim, 2013, p. 21) – e a religião tem se apresentado com características capitalistas. Nessa direção, a faceta cristã mais explícita tem sido a Teologia da Prosperidade, ressignificando conceitos tradicionalmente interpretados por cristãos de bênção, de dinheiro, de maldição, de prosperidade, de sofrimento e de sucesso.

Se a segunda metade do século XX até a primeira década do século XXI

foram anos de crescimento evangélico, o primeiro terço do século XXI parece apontar para uma reação católica. Essa reação pode não significar, necessariamente, um cristianismo mais aberto e mais ecumênico, mas a ascensão e a hegemonia dentro do catolicismo de grupos carismáticos, conservadores, fundamentalistas e tradicionalistas, cuja tendência pode ser, a longo prazo, de retomar o predomínio do catolicismo na sociedade brasileira.

Significa dizer, ainda, que a partir e a despeito da disputa religiosa entre católicos e evangélicos e o pequeno crescimento dos sem religião, a religiosidade permanecerá no centro do debate cultural, econômico, político e social brasileiros. Modernização do Estado brasileiro e secularização da sociedade brasileira não trazem consigo maior laicização e maior dessacralização. A religião se afirma por meio de seus adeptos, conscientemente ou não, como produto de mercado, como fonte de riqueza, como discurso manipulado politicamente. Diversos temas sociais são compreendidos sob a lógica da religião e da perspectiva da cosmovisão religiosa evangélica dominante.

Finalmente, precisamos de uma pesquisa religiosa nacional, abrangente e detalhada, com participação de universidades públicas, privadas e confessionais e de conceituados institutos de pesquisa, com pesquisadores e pesquisadoras das várias ciências, a qual compreenda um período total de vinte anos, com dados pesquisados e divulgados a cada quinquênio. Os recursos financeiros e humanos de tal empreitada seriam altíssimos. Porém, possibilitaria perceber qualitativamente o quadro dinâmico e compreender o movimento do complexo campo religioso brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALFANO, Bruno. Entrevista: 'Evangélicos não passarão de 35% da população', diz sociólogo crítico da tese de transição religiosa no Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 jun. 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/MbYAM>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ALMEIDA, Ronaldo de. Os pentecostais serão maioria no Brasil? **Revista de Estudos de Religião**, São Paulo, n. 4, p. 48-58, dez. 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_almeida.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

ALVES, José Eustáquio Diniz. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/584304-o-voto-evangelico->

garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro. Acesso em: 18 jun. 2025.

ALVES, José Eustáquio Diniz. A aceleração da transição religiosa no Brasil: 1872-2032. **EcoDebate**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2022/10/12/a-aceleracao-da-transicao-religiosa-no-brasil-1872-2032-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ALVES, José Eustáquio Diniz. A transição religiosa no Brasil: 1872-2049. **EcoDebate**, [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2025/06/09/a-transicao-religiosa-no-brasil-1872-2049/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ALVES, Rita de Cássia Gonçalo. **Urbanidade gospel: megatemplos evangélicos na experiência urbana**. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2023.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. **Folha de São Paulo**, Belém, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BASTIÁN, Jean Pierre. Protestantes en Latinoamérica. In: BASTIÁN, Jean Pierre et al. (org.). **Evangélicos en América Latina: Iglesia, Pueblos y Culturas**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1995. p. 7-36.

BASTIAN, Jean-Pierre. **La mutación religiosa de América Latina: para una sociología del cambio social en la modernidad periférica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

BENJAMIM, Walter. **O capitalismo como religião**. Tradução de Nélio Schneider e Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 288-338, out. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/n4WbzcvpzQYfmgd643NMQdq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2025.

BONINO, José Miguez. **Rostos do Protestantismo Latino-americano**. Tradução de Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. **Revista de Estudos Sociais**, [S. l.], n. 69, p. 79-90, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/46128>. Acesso em: 29 maio 2025.

CABRAL, Umberlândia. IBGE divulga pela primeira vez as coordenadas geográficas dos endereços do país. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 08 fev. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39065-ibge-divulga-pela-primeira-vez-as-coordenadas-geograficas-dos-enderecos-do-pais>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul**: tendências e desafios para a ação. Salvador: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2020. Disponível em: <https://kn.org.br/wp-content/uploads/2020/10/FundamentalismosPT-1.pdf>. Acesso em: 11 maio 2024.

CUNHA, Magali do Nascimento. **My News explica**: Evangélicos na política brasileira. São Paulo: Edições 70, 2022.

DAYTON, Donald W. **Raíces teológicas del pentecostalismo**. Tradución de Elsa R. de Powell. Michigan: Libros Desafío, 2012.

DIP, Andrea. **Em nome de quem?** A Bancada Evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DU MEZ, Kristin Kobes. **Jesus e John Wayne**: como o Evangelho foi cooptado por movimentos culturais e políticos. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: Da Constituinte ao Impeachment. 1993. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/69813>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FRESTON, Paul. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 13-30, out. 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669619>. Acesso em: 19 jun. 2025.

GEBARA, Ivone. **O que é cristianismo**. São Paulo: Editora Braziliense, 2008.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. 7. ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

IACOMINI, Franco. **Evangélicos no Brasil**: como uma minoria invisível se transformou num agente de transformação social e política. [S. l.]: Gazeta do Povo, 2020.

IGREJA CATÓLICA. Papa (Paulo VI). **Evangelii Nuntiandi**: exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 22 maio 2025.

LOSCHI, Marília. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 06 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. **Plano de poder**: Deus, os cristãos e a política. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669409>. Acesso em: 29 maio 2025.

MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos de Religião**, São Paulo, n. 4, p. 68-95, dez. 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARTINS, Ivan Carlos Costa. **Fundamentalismo religioso e política**: perspectivas escatológicas a partir de uma teologia crítica. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

MARTINS, Ivan Carlos Costa. **Fundamentalismo religioso e educação em um contexto de ajuste fiscal e de avanço da extrema direita**. 2024. 654 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/78664>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro (org.). **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola; Ciências da Religião, 1990a. p. 11-59.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro (org.). **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola; Ciências da Religião, 1990b. p. 133-144.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MIESSI, Fábio; CORBI, Raphael. Por que o avanço evangélico estagnou e não deve voltar? **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/653075-por->. Acesso em: 18 jun. 2025.

MIRANDA, Júlia. **Carisma, sociedade e política**: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política, 1999.

NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. Tradução de Antônio Gouvêa Mendonça. São Paulo: Ciência da Religião; ASTE, 1992.

OLIVEIRA, Carlos Henrique. **O crescimento exponencial dos evangélicos no Brasil**. [S. l.]: [s. n.], 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/51353220/O_CRESCIMENTO_EXPONENCIAL_DOS_EVANG%C3%89LICOS_NO_BRASIL. Acesso em: 19 jun. 2025.

ORO, Ari Pedro. "Podem passar a sacolinha": um estudo sobre as representações do dinheiro no Pentecostalismo Autônomo brasileiro atual. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 53, n. 210, p. 301-323, 1993. Disponível em:

<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/2773>. Acesso em: 17 jun. 2025.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. A diversidade religiosa dos cristianismos brasileiros. **Caminhos: Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 22, n. 3, p. 753-767, set./dez. 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/14769>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

STF. **STF determina que governo realize censo demográfico em 2022**. Brasília, DF: Supremo Tribunal Federal, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/MQKoZ>. Acesso em: 30 abr. 2025.

TOGNINI, Enéas. **Renovação espiritual no Brasil: experiência do Autor**. São Paulo: Editora Renovação Espiritual, 1984.

VATICANO. **Estatísticas da Igreja Católica 2024**. Vaticano: Vatican News, 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-10/igreja-catolica-estatisticas-2024.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.

VELASQUES FILHO, Prócoro. Protestantismo no Brasil: da teologia à liturgia. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro (org.). **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola; Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, 1990. p. 145-170.

WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos**. Tradução de Carlos de Oliveira. São Paulo: Editora Vida, 1997.

WHITACKER, Arthur Magon. Por que há um boicote ao Censo e ao IBGE no governo Bolsonaro. **Jornal da UNESP**, São Paulo, 06 maio 2021. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/05/06/por-que-ha-um-boicote-ao-censo-e-ao-ibge-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 30 abr. 2025.